

23:19, ufa. Depois de me esquivar delicadamente dos braços pequenos de quase dois anos de idade da menininha que, embora adormecida, está sempre alerta para qualquer movimento que indique que a mamãe está a deixando dormir sozinha, posso finalmente tentar escrever estas frases cansadas. É uma luta. Outro dia ouvi que a maternidade nos faz mulher de duas faces: a mãe e o monstro. A linha entre o amor incondicional e o egoísmo se torna muito tênue, embora o primeiro sentimento prevaleça na maioria dos casos. Ser mãe não é nem de longe aquela experiência cheia de flores que a publicidade prega. Tampouco é para aquela gravidez inesperada o fim do mundo que a mesma mídia, intrinsecamente contraditória, constrói regida por um ideário capitalista. A mulher, aquela que passa no vestibular assim que deixa o colegial, consegue um bom emprego quando se forma para daí se casar e ter filhos é a mesma mulher das propagandas de produtos de limpeza. Aquela que dorme e acorda maquiada, toda cheia de si, bem sucedida no mercado de trabalho e na cama, “sexy sem ser vulgar”, mãe de belos exemplares brancos, loiros e de olhos azuis pra quem prepara bolos e Tang e depois limpa toda a sujeira sem estragar as unhas ou a pele. Como se sentir representada nesta sociedade? Eu, mulata, solteira, pobre, 20 anos e mãe nesta selva paulistana. Como não lembrar de Racionais “Família brasileira, dois contra o mundo”?

De todo modo e não sem muita luta estudantil, a minha universidade ainda tem algum suporte para algumas poucas mães estudantes. Duas creches no campus principal que reservam 40% de suas vagas para filhos de alunos e 12 apartamentos voltados apenas para as mães junto à moradia universitária. No entanto, é muito pouco, comparado à dimensão da Universidade de São Paulo. A demanda é sempre muito maior. Há anos em que entre 10 e 15 mães chegam a disputar uma única vaga. De todas as mães de baixa renda que entram na maior universidade do país, muitas intercambistas ou advindas de outros estados, apenas 12 têm direito à moradia. A permanência dentro dos apartamentos normais, ou seja, divididos entre 3 pessoas, é complicada e gera muita insegurança. Não é todo companheiro de apê que aceita com tranquilidade a convivência com uma criança. Sem falar na exposição de seu filho a uma rotina com pessoas que talvez você desconheça. Felizmente não é o meu caso. Moro com duas amigas maravilhosas com os quais posso contar com carinho e compreensão. E também fui uma das selecionadas para a vaga na creche central, onde estou certa de que minha filha está em excelentes mãos. Lá, há uma educação revolucionária com atividades, por exemplo, de desconstrução de estereótipos, inclusão de cultura negra e indígena, o privilégio da experimentação, a boa alimentação e o incentivo a toda forma de expressões artísticas.

Mas os obstáculos continuam. Agora já é meia-noite e em dias comuns é por essas tardes horas, depois de todos os cuidados maternos, que vou encarar Braudel ou Hegel para logo de manhã, às 7, deixar a pequena na creche, ir para o trabalho, depois para aula e assim concluir o ciclo diário. Ainda assim, a sociedade que não me

representa está na voz do docente que diz não aceitar alunos que trabalham ou mães para orientar num projeto de Iniciação Científica ou Mestrado. Ou aquele que diz numa primeira aula “por que não doa a tua filha?”

É... a “neguinha” quer estudar, mas é mãe solteira. Faz-nos pensar que o estudo é privilégio de alguns homens e poucas mulheres todos brancos de classe média. O olhar torto, subjugando, dificultando...

No entanto, o que me alenta é lembrar que antes de chegar a Braudel, eu aprendi alguma coisa de muito novo hoje com a minha filha. O seu próprio tempo, o seu crescimento, a sua reivindicação de autonomia que diariamente devo aprender a lidar, a inteligência e curiosidade que me admiram e inspiram. Ela me trouxe a urgência de superar minhas próprias limitações e uma força que eu mesma não tinha noção de possuir. Força para lutar.